



AUTOR OU AQUELE QUE PLAGIA A OUTRA DOR

JACQUES FUX

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”.

Walter Benjamin

Il faudrait dire je. Il voudrait dire je. Mais, quel “je”? O que eu queria era mergulhar nos meus sonhos. Nas minhas invenções. Em minhas lembranças falseadas. Encantadas. Passadas. Quem é o autor aqui? O autor está morto? Quem é esse *eu* que escreve o livro? O *eu* narrador e o *eu* autor. Tenho responsabilidade pelo que escrevi? Tenho responsabilidade pelo que escrevo? Expresso aqui minhas opiniões? Minha visão política? Minha visão da Literatura? Da ficção? Aqui aparece rigorosamente a minha *intenção* romântica enquanto autor? Pode o autor ser completamente imparcial? Posso eu escrever algo alheio à minha vida? Distante da minha arte? Longe da literatura? Há aqui uma independência da literatura em relação à história? E a psicanálise do autor? Do narrador? Do personagem? Do *eu*? Aqui há um sentido profundo? Uma alegoria? Pierre Menard, o autor do Quixote, descreve um texto que foi escrito por dois autores distintos com sentidos muitas vezes opostos, graças ao contexto e às intenções de cada autor. Aqui, foram muitos autores. Muitos colaboradores. Minha história me acompanhou. A literatura perpassou e preencheu os vazios da memória. Ou os vazios da literatura foram preenchidos por minha vida. A literatura é de quem? O autor do começo deste livro não é o autor do fim deste livro. Ele sofre mutações. Evolui. Regride. Enxerga a literatura e a memória de outra forma. Este autor continua sendo *eu*. Este *eu* que é um fingidor. Um plagiário. Um plagiário por antecipação? O sentido desta obra está somente no autor? Está somente no leitor? Está na descoberta do eu? Na identificação de todos os fingidores? Na revelação do que foi inventado e do que foi de fato vivido? O que é um Autor? Aqui há uma multiplicidade de sentidos e de autores (dentre os quais, o fato de não haver sentido e não existir autor). O conjunto vazio está contido em qualquer conjunto. Tudo aqui pode e deve ser interpretado em relação ao fator histórico. Mas a História, apesar de clamar muitas vezes pela verdade, também é uma invenção, logo a história aqui contada faz parte do contexto da História. Aqui, as minhas passagens paralelas podem ser encontradas nos muitos autores desta obra. Nos muitos *eus*. No cânone. Uma cadeia literária é criada. Discutida. Estruturada. Polemizada. Desconstruída. Ambiguidade intencional. A obra aqui vive a sua vida. A sua arte. E eu vivo a minha obra. A minha arte. As minhas invenções. Frustrações. Devaneios. Não amamos plenamente um poema se não o compreendemos. Por outro lado, não compreendemos plenamente um poema se não o amamos. Eu não entendo a minha literatura. Mas eu a amo. Amo o mistério. O segredo. O não saber. O estranhamento. Amei tanto a literatura de muitos simplesmente por sua primeira leitura ter me causado um grande mal-estar. Estranhei. Incomodou-me. Quis perscrutar. Revelar. Descobrir. E continuei incomodado. Continuo inquietado com



a Literatura e com toda a rede de referências que ela cria e plagia. Esse foi o mesmo amor que tive por todas as mulheres que me incomodaram. Que não me revelaram, a princípio, sua beleza e seus encantos. Mulheres que me deixaram cabreiro e me excitaram. Assim como a literatura. A literatura aqui é como as mandalas budistas. Alguns budistas trabalham na construção de belas imagens com grãos de areia coloridos. São lindas obras de arte. O trabalho é rigoroso. Fatigante. Demoram muito tempo para construí-las. Descobri-las. Inventá-las. Esculpi-las. Um trabalho árduo. Elas tomam forma lentamente. Lentamente são reveladas. Havia uma intenção do construtor de mandalas? Ele pensou em todas as possibilidades ao moldá-las? Soube inicialmente como elas ficariam? Incomodou-se com isso? Ele é como um criador de puzzles? Pode imaginar de fato todas as combinações possíveis? Acredito que os budistas não se preocupam com essas questões literárias. Eles têm grande desapego. Utopia. E quando terminam a sua majestosa obra destroem completamente tudo o que foi feito. O prazer está no durante. No caminho. Assim como um dos *autores* só existe quando a obra está sendo escrita. O prazer do durante. Este *autor* vive enquanto escreve sua obra. Seu livro. Enquanto cria seus momentos. Suas ficções. Assim que a obra acaba, acaba-se com ela um autor. Esse *autor* que a escreveu. Que nela colocou sua emoção. Que sofreu e sorriu. Criou mistérios, encantos, problemas e soluções. O autor budista. Entregue à escrita e à elaboração de algo belo. Artístico. E que, ao chegar ao fim, libertou-se de seu trabalho. O livro passa a existir em outra dimensão. Outro plano, outro autor, outro leitor. O durante da obra não existe mais. Existe algo que será lido e interpretado por outros. Como aqueles que fotografam as mandalas budistas ao longo de sua confecção. Intérpretes de um momento. Tecem relações. Com outros momentos. Com seus próprios momentos. Ou não. Apenas fruem a leitura. Alguns recepcionam as obras de arte de acordo com suas possibilidades. Amam, detestam ou *on s'en fout*. Acham belo ou ridículo. As mandalas são lindas. E a labuta é grande. Mas a beleza não está no fim, está no durante. Quando não escrevo, estou morto. Desapego-me da literatura pela vida. Pela vontade de viver. Pelo desejo de reinventar a vida. Reinventar a invenção literária. A autobiografia ficcional. A autobiografia literária. Autoficção. Redescobrir e reconstruir a ficção que aqui se acaba com a *disparition* do meu eu.